Anno 2.° Guimarães, 12 de Janeiro de 1905 Numero 59

Preço da assignatura

Anno . . . . . 1$300 rs.
Semestre . . . . . 650 „
Numero avulso . . . . . 30 „

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha . . . . . 20 „
No corpo do jornal . . . . . 100 „

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel
José Maria Nunes Guimarães

Estudos nos Seminarios

Um dos problemas que mais merecem a attenção de quantos se interessam pelo bem moral da sociedade e pela salvação eterna das almas, é sem dúvida o da formação dos ministros da religião. E na verdade é tal a connexão entre as qualidades do clero e o estado moral do povo, que razão tinha quem disse: «Sejam os padres bons, que o povo não será mau; sejam os padres optimos, que o povo não poderá deixar de ser bom.»

Destes princípios, que sam profundamente verdadeiros, não queremos tirar as illações a que logicamente nos levaria a consideração do pessimo estado moral duma sociedade onde ha tantos padres. E' um assumpto, sobre que melhor nos parece não dizer nada do que dizer pouco.

Uma das primeiras condições para haver bons padres é escolhê-los e formá-los bem. Bons desde o principio, é possivel que depois se pervertam; porém, maus de origem, só por um grande milagre, que Deus não costuma fazer, é que poderiam vir a ser bons.

Por isso é que todos aquelles que pensam nestas coisas fazem convergir os seus cuidados, esperanças e temores, para a grande empresa da formação do clero. E bem avisados andam.

Quanto a nós, o problema reduz-se fundamentalmente a estes dois pontos: 1.° excluïr os indignos; 2.° formar bem os dignos. Abundam na classe sacerdotal sujeitos, que para nada têm menos vocação do que para este nobilissimo estado: estes quasi não podem deixar de ser pessimos padres. Os que entraram no sacerdocio por vocação, aïnda muitissimas vezes não sam o que deviam ser, por falta de formação ou de cultura posterior.

Convimos em que tanto a bôa escolha como a bôa formação sam tarefas sobremaneira difficeis. Por isso mais dignos de louvor nos parecem quantos empregam os seus cuidados, gastam as suas attenções, consomem as suas vigilias e votam as suas orações á bôa solução do importante problema.

Uma das causas que em Portugal empurram (é o termo) pelo santuario dentro muitos indignos é o regime de estudos preparatorios entre nós adoptado. Um curso de preparatorios só validos para o estado ecclesiastico, combinado com as estupidas pressões de familia, com a falta de recursos materiaes e aïnda com a perda de tempo, movendo-se tudo numa atmosphera de fé mortiça e consciencia embotada, eiz um flagello que cumpre exterminar.

Applaudimos pois os esforços recentemente empenhados por toda ou quasi toda a imprensa catholica portuguêsa para combater semelhante mal. Já nestas columnas dois dos nossos mais distinctos collaboradores trataram do momentoso assumpto: mas nem por isso deixaremos de consignar aqui o nosso desauctorizado alvitre.

*

Cuidamos que a solução do problema dos estudos preparatorios está nisto: dar aos candidatos do sacerdocio um curso de preparatorios, que, habilitando-os para a entrada no curso theologico, os não deixe inhabilitados para outra qualquer carreira que algum dia lhes convenha abraçar; de modo que o tempo consumido, a despesa feita e o trabalho empregado se possam aproveitar integral ou quasi integralmente, apesar da mudança de carreira.

Ora este resultado, no actual estado de coisas, só póde obter-se conformando os estudos dos seminarios com a legislação vigente nos lyceus, ou obrigando os candidatos ao sacerdocio a frequentar os mesmos lyceus. E' evidente que esta segunda disjunctiva, tirando as peias dos preparatorios exclusivos, tira tambem a formação moral e a cultura da vocação: por isso é inacceitavel.

Resta a adopção do regime lyceal nos seminarios. Mas como? O curso dos lyceus é dividido em geral e complementar: dahi duas soluções.

Primeira solução. Estabelecer-se-hia nos seminarios o curso geral dos lyceus. Os alumnos fariam os seus exames só validos para a carreira ecclesiastica: mas dar-se-lhes-hia a faculdade de transitarem para o lyceu, fazendo nelle os seus exames de passagem ou de saída do curso, válidos para as carreiras civis.

Seria isto difficil? Parece-nos que não: pois apenas era, para os effeitos civis, equiparar o seminario a um collegio particular.

E todavia as vantagens desta reforma seriam incalculaveis. O alumno, que, por inconsciencia ou por violencia, tivesse errado a sua entrada no seminario, podia a todo o tempo, em que tivesse consciencia ou liberdade para se decidir a respeito da sua vocação, deixar com relativa facilidade o caminho errado e seguir o que mais lhe conviesse.

E' claro que durante os cinco annos do curso geral mudam grandemente as condições do alumno, que ordinariamente é incapaz de saber o que quer, quando principia os seus estudos. Mas, aïnda quando a mudança de resolução viesse mais tarde, tinha sempre o alumno o titulo de frequencia para fazer o seu exame no lyceu.

Não válha a objecção de que o Estado se opporia a esta solução pela deminuïção que havia de trazer à frequencia dos lyceus: pois não póde haver dúvida de que as receitas do Estado antes augmentariam, porque um grande número, se não a maioria dos alumnos, que aliás se contentariam com os exames do seminario, se aproveitariam da facilidade de no lyceu os validarem para tudo. E' o que se vê no Seminario-Lyceu desta cidade.

Nem se opponha aïnda a difficuldade de que acudiriam a engrossar a frequencia dos seminarios muitos alumnos sem intenção nenhuma de seguir a carreira ecclesiastica: porque, por um lado, pagariam ao estabelecimento as propinas estabelecidas; por outro, recebendo os beneficios da educação do seminario, tornariam estes estabelecimentos mais amplamente proveitosos; e finalmente bem compensado ficaria semelhante inconveniente com se afastar da carreira ecclesiastica um só indigno que fosse em cada curso.

E' evidente que o curso geral não bastaria como preparatorio para a entrada no curso de Theologia. Mas, na hypothese desta solução, estabelecer-se-hia um curso complementar de preparação, com aquelles estudos que os Ex.mos Prelados julgassem necessarios: à semelhança do que desde alguns annos está succedendo no Seminario-Lyceu desta cidade, onde ao curso geral do lyceu sam accrescentadas as cadeiras annexas de Litteratura, Latinidade, Sciencias Naturaes e Philosophia; cadeiras, que sam frequentadas pelos alumnos que, tendo feito o curso geral em qualquer lyceu, pretendem apenas habilitar-se para o curso theologico.

Não desconhecemos que, na hypothese desta solução, se o alumno só mais tarde resolvesse não seguir a carreira ecclesiastica ou della fosse excluïdo, tinha aïnda de vencer a difficuldade do curso complementar para outra carreira. Mas este embaraço, que tambem se encontra no proprio regime lyceal, quando os cursos complementares sam differenciados, além de muito mais pequeno do que é no actual estado de coisas, seria muito mais raro, pois a edade em que se acaba o curso geral dá muito mais liberdade do que aquella em que elle se começa. E só o deminuïr tam notavelmente um mal immenso—qual é a ordenação de indignos—bem merecia aturadas diligências.

Não occultamos porém que vemos um serio inconveniente na adopção do curso geral só: é que muitos alumnos, para ficarem com o curso completo, embora com bôa vocação para o estado ecclesiastico, iriam frequentar no lyceu o curso complementar, como sabemos ter succedido a alumnos do Seminario-Lyceu desta cidade. Ora bastava isto para que taes alumnos, agitados na louca corrente das ideias e costumes da sociedade mais livre durante o curso complementar, estragassem a educação recebida no seminario e porventura pervertessem a vocação.

Segunda solução. Adoptar-se-hia nos seminarios tambem o curso complementar dos lyceus, accrescentando-se-lhe porventura alguma coisa em que elle se julgasse mais insufficiente para a entrada no curso de Theologia, e applicando-se aos alumnos que o frequentassem o que fica dito para os do curso geral: isto é, taes alumnos, que adquiriam pelo menos tantas habilitações como os seus camaradas dos lyceus, poderiam transitar para elles ou fazer lá os seus exames validos para as carreiras civis.

E não é tam difficil esta adopção, como parece em presença da actual legislação do ensino secundario. E' geralmente considerada como racional e necessaria a diversificação do curso complementar segundo o curso superior a que os alumnos se destinem: e nesta conformidade é já sabido que vai legislar a nova reforma de instrucção secundaria.

Ora não deve ser summamente difficil accommodar um dos ramos deste curso complementar—o de lettras—ao que é preciso exigir para o curso theologico.

E, na hypothese desta solução, parece-nos que, se os Ex.mos Prelados houvessem por bem ajuntar alguma coisa ao curso complementar do lyceu, não deviam tambem admittir nos seminarios nenhum alumno, donde quer que viesse, que não satisfizesse à mesma exigencia. Aliás, por uma flagrante desegualdade, dar-se-hia logar a que muitos alumnos preferissem, por mais leve, o curso complementar do lyceu, indo frequentá-lo com detrimento das habilitações exigidas para o curso theologico e dos fins para que se crearam os seminarios.

Assim estabelecer-se-hia uma razoavel reciprocidade de exigencias da parte da carreira ecclesiastica e das carreiras civis, pondo-se em honroso plano de egualdade as duas especies de estabelecimentos respectivos. Os seminarios admittiriam à matricula em Theologia os alumnos vindos dos lyceus, uma vez que mostrassem possuïr as habilitações complementares exigidas nos seminarios; e o Estado exigiria dos alumnos dos seminarios, quando quisessem transitar para carreiras civis, a prova de que estavam nas condições legaes, obrigando-os a ter os exames no lyceu.

*

Será porém esta mudança de situação compativel com as condições economicas dos seminarios? — Quanto á primeira solução acima apresentada, ponderamos o seguinte:

Segundo a reforma que actualmente vigora nos lyceus, que é a mais complicada que entre nós tem havido e em comparação da qual parece haver de ser mais simplez a que para breve se annuncia, bastam nove professores nos lyceus nacionaes, onde se professa o curso geral. Ora, por exemplo, no seminario de Braga costuma haver dez professores de preparatorios. Portanto não seria preciso augmentar o número dos professores, a não ser que as cadeiras complementares fossem mais do que no Seminario-Lyceu de Guimarães, pois estas sam todas regidas por um professor.

Haveria porém necessidade de augmentar o serviço de cada professor. Mas, admittindo que a nova reforma dos lyceus exigisse o mesmo número de horas de aula e que aos professores do seminario se impusessem as mesmas a que sam obrigados os dos lyceus, e suppondo que o augmento de vencimentos, tomados por base os actuaes, fôsse em proporção exacta com o accrescimo do serviço de aulas, bastariam para executar a mudança de regime pouco mais de 2:000$000 reis annuaes.

Quanto à segunda solução que acima offerecemos, é possivel que não exija maior augmento de depesa do que a primeira, attendendo a que a nova reforma differencia o curso complementar, e nos seminarios basta adoptar um dos ramos delle. Mas, na peor das hypotheses, seria bem sufficiente o accrescimo dum professor.

E' claro que, calculando apenas o augmento de despesa com os professores, suppomos que os seminarios estám aliás tam bem organizados como os lyceus, o que nos parece ser a verdade.

Mas, apesar de não ser muito grande o augmento de despesa, aonde se ha de ir buscar a receita para lhe satisfazer?—Parece nos que, embora fôsse preciso cercear outras despesas (deminuindo, por exemplo, por uma selecção rigorosa o número de alumnos gratuitos, que nem sempre sam os de melhor vocação), bem o merecia a grande causa de remover do santuario os indignos. Temos para nós que mais valia deixarem de se ordenar alguns dignos do que ordenar-se um indigno. Mas não poderia obter-se por uma acção collectiva de bons catholicos um pouco de economia nos loucos desperdicios que os governos fazem das esmolas da Bulla, attrahindo para os seminarios, que é o fim principal de taes esmolas, mais um razoavel subsidio?

Resta aïnda outra difficuldade. Onde se haviam de recrutar os professores com habilitações proprias?—Distinguimos: quanto às habilitações e competencia *effectiva*, ahi estám os actuaes professores dos seminarios, cujo número se póde augmentar quanto seja preciso com outros filhos dos mesmos seminarios. Toda a gente sabe que por este lado não é que os seminarios ficam a dever nada aos lyceus.

Quanto às habilitações *legaes*, era preciso vencer o velho tropêço da odiosissima exclusão do clero a respeito do ensino legal. Alguma coisa se tem feito neste sentido; mas somos obrigados a reconhecer que aïnda se não fez quanto se devia fazer. E não temos dúvida nenhuma de que a injusta excepção desapparecerá desde o momento em que se trabalhe a valer po-la exterminar.

Demais, para o nosso caso, bastava que aos padres se désse a mera capacidade legal de professores particulares, visto que os seus alumnos, que quisessem aproveitar os estudos para carreiras civis, tinham de submetter-se aos exames officiaes nos lyceus. E aïnda esta concessão, que é

uma pequena parcella da justiça que ao clero se deve fazer, deminuïria de importancia, quando os alumnos fossem saïndo dos seminarios com exames validados nos lyceus.

Eiz, em resumo, as nossas ideias sobre o importante problema. Não representam por certo o nosso ideal: mas sam o que de melhor e mais facilmente se póde obter, em nosso juïzo, no actual estado de coisas.

Se a alguem parecer loucura o que ahi fica, paciencia. Salva-nos a bôa fé com que o escrevemos e o desejo que temos de que appareça melhor alvitre, que se ponha em prática para melhorar a situação presente: pelo que ficamos fazendo votos a Deus.

«Se exclues a discreção, a virtude saïrá vício».

S. Bernardo.

Carta do Porto

Referimo-nos na última carta a um acontecimento da actualidade passado no Porto,—a peste. Não fomos então extenso porque o caso o não merecia. E voltando hoje ao assumpto, temos em vista tam sòmente informar o que se passa.

A peste, ou seja lá o que cada qual quiser—porque muitos imaginam que em lhe chamar por outro nome ella não existe—está no Porto. Não é isto um grito de alarme solto aos quatro ventos para que todos esconjurem esta terra tam cheia de vida e tráfego commercial; mas para tomar conhecido um perigo, que, se não for de prompto debellado, póde comsigo trazer funestas consequencias.

A imprensa diaria desta cidade guarda prudente silencio sobre os acontecimentos: e não lhe criticamos a conducta porque ella, illustrada como é, lá sabe os motivos porque o faz. Não assim a lisbonense, que, apesar das negativas officiaes desmentindo esse boato, tem por vezes alludido ao facto.

Aqui os boatos sam quasi sempre desencontrados; motivo este de tranquillidade para os mais medrosos, por ser um indicio certo de que o mal não se generalizou a toda a cidade. Com tudo tem-se apurado que dos accommettidos pela molestia poucos ou nenhum resiste. Segundo as informações que mais se devem approximar da verdade o número dos fallecidos deve orçar por quarenta. A estas breves informações devemos ajuntar o procedimento dos competentes e das auctoridades para que a verdade sáia mais nitida.

Dizia-nos o telegrapho da capital no dia 4 do corrente:

«Sob a presidencia do snr. conselheiro Ferraz Macedo, reüniu hontem o conselho superior de hygiene, tendo apenas que tomar conhecimento da estatistica das doenças infecciosas decorridas durante a semana finda, a qual é a seguinte: Em Lisbôa 2 casos de febre typhoide, 4 de variola, 12 de sarampo e 6 de diphteria. No Porto 1 de febre typhoide, 1 de variola e 1 de diphteria Em Coimbra 2 de diphteria.»

Ora este boletim veiu sobresaltar um pouco os habitantes do Porto, aïnda que conseguisse talvez socegar o resto do país. Porquanto, estando-se aqui todos os dias a ver pessôas conhecidas darem a alma a Deus por motivo desse flagello, pequeno na extensão mas temivel nas consequencias, vir o boletim do conselho superior de hygiene registar aqui só um caso de febre typhoide, outro de variola e só outro de diphteria, é motivo para inquietação; jàmais acontecendo ser aquelle boletim referente á semana em que aqui morreu mais gente. Porque tambem occultar o mal é signal de que está ameaçador.

A auctoridade, representada pelo snr. Governador Civil num telegramma que enviou ao snr. Presidente do Conselho de Ministros no dia 7, deixa-nos na mesma inquietação, pois affirma que o estado sanitario do Porto continuava sem alteração sensivel. Como se vê o telegramma não especifica coisa alguma e delle se deduz claramente que as coisas não melhoraram. Não constituïu pois para nós uma esperança, mas fundamentou-nos mais um receio.

No meio de tudo consola ver-se que as auctoridades têm procedido com energia e sem excessos.

Onde se regista um caso, lá está prompto o carro de desinfecção que burrifa tudo sem que lhe escape sequer um buraco de chave.

Apontam-se algumas familias que já têm abandonado o Porto com receio da peste; e outras que o não podem fazer por falta de meios, tomam precauções de tal ordem que provocam o riso.

Dizia-nos ha dias um individuo, que estava ao serviço duma casa onde a peste fez varias victimas: «Isto é terrivel. Porque, em sabendo que um homem esteve em casa onde houve peste, não dam dormida á gente nem lhe querem dar de comer; e para cúmulo, até os barbeiros se recusam a fazer a barba á gente. Isto é impossivel!»

A influenza tambem jurou não deixar um portuense sem a sua visita. Requer a sua presença um ceremonial bem simplez em comparação do da peste; mas vamos, que tambem chega para aborrecida.

R. L.

«Nada perverte tam depressa um homem, como outro homem».

Oleastro.

As Bem-aventuranças Evangelicas postas ao alcance de todos

III

Primeira Bem-aventurança

«*Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum cœlorum*»—«Bem-aventurados os pobres de espirito, porque lhes pertence o reino dos ceus.»

Quaes sam estes pobres de espirito, a quem Nosso Senhor promette o seu reino? Basta lançar uma vista de olhos para alguns dos grandes commentarios do Evangelho, para se verem os sentidos que se têm dado a esta palavra do Mestre.

Grande número de Padres entenderam que por «pobres de espirito» se significam os humildes. O Salvador, diz S. Jeronymo, accrescenta esta palavra «*spiritu*», para nos fazer comprehender que fallava da humildade, e não da indigencia material. Do mesmo parecer sam Santo Agustinho e S. João Chrysostomo.

Salvo o respeito devido a tamanhas auctoridades, attemo-nos aqui ao sentido litteral (aliás evidentemente contido na interpretação dos illustres doutores, pois a pobreza christã é uma das mas bellas manifestações da humildade), tanto mais que no sermão do monte segundo o texto de S. Lucas não se encontra a palavra «*spiritu*».

Em que consiste pois esta felicidade promettida à pobreza? Primeiramente o pobre é preservado de numerosas tentações de que a riqueza é fonte.

A riqueza amollece e enerva, em tanto que a pobreza é uma escola de energia e vontade. A riqueza é uma origem de decadencia para as nações, bem como para os individuos, em tanto que a pobreza é um manancial de grandeza.

Com razão pois é que o divino Mestre disse: «Bem-aventurados os pobres! Ai dos ricos!»

A pobreza é a maravilhosa semente depositada nos fundamentos das nossas velhas cathedraes. Quem as construïu não foram as offertas dos ricos; foi o obulo da viüva e do órphão.

O rico não se sente movido a orar, porque lhe parece de nada ter necessidade; ao passo que o pobre se vê obrigado a pedir ao Pae celeste o pão de cada dia.

Vejamos como Jesus-Christo amou os pobres. Elle mesmo nasceu pobre num estabulo. Por amigos e discipulos tomou pobres pescadores.

Mas afinal quaes são os pobres que o divino Mestre no alto do monte abençoou e declarou bem-aventurados? Serám os indigentes, os necessitados, os mendigos? Então não se deve lidar por saïr deste estado? Será então vedado que cada qual melhore a sua sorte? Será prohibido que vos arranqueis à miseria que vos aperta, sob pretexto de não deixar a categoria dos que sam bem-aventurados? Dever-se-ha renunciar a todas as obras de caridade, que têm por fim alliviar o pobre e subtrahí-lo à sua miseria? Será necessario condemnar as legitimas revindicações do trabalhador e do operario, que demanda os seus direitos e pretende elevar-se a uma condição superior, melhorando a sua sorte e a de sua familia?

Por certo que não: e levar as coisas para esse lado seria entender bem mal a Bem-aventurança evangelica; seria comprehender bem mal a palavra do Redemptor: «Bem-aventurados os pobres!»; seria irrogar-lhe uma dolorosa offensa, porque elle ama o pobre e o trabalhador e quer que elle possa viver convenientemente com sua familia do fructo do seu trabalho.

Releia-se a admiravel Encyclica de Leão XIII «*De condicione opificum*»: eiz o mais verdadeiro e mais bello commentario da palavra de Jesus-Christo no monte: «*Beati pauperes!*»—«Bem-aventurados os pobres!»

Em summa, o que é beatificado pelo divino Mestre não é a pobreza em si mesma, a pobreza material, a mendicidade; não, porque isso é um mal—*malesuada fames*—: o que é condemnado no «*voe divitibus!*»—«ai dos ricos!» não é tambem a riqueza em si mesma; porque a riqueza póde ser bôa, se fôr bem empregada. Aqui é que é preciso lembrar a grande regra da interpretação do Evangelho: «a lettra mata, mas o espirito vivifica»—«*littera occidit, spiritus autem vivificat*».

O que é condemnado é o apêgo desordenado ás riquezas, é a revolta irritada do pobre contra a sua situação, sam as revindicações violentas, que elle se póde ver tentado a empregar para melhorar o seu estado.

O que o Evangelho declara bem-aventurado é o pobre que, fazendo embora quanto em sua mão está por se elevar acima da sua condição social, se mantem todavia nos justos limites e não busca perturbar inutilmente a ordem social. Eiz o pobre segundo o Evangelho; eiz o que o divino Mestre proclama Bem-aventurado aïnda neste mundo, porque escapa a muitas miserias e tentações. Mas sobretudo depois deste mundo é que elle encontrará uma legitima compensação para as miserias desta vida.

«*Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum cœlorum*»—«Bem-aventurados os pobres de espirito, porque o reino dos ceus lhes pertence.»

(Continúa).

«Ninguem é menos conhecido, que cada um de si mesmo».

S. João Chrysostomo.

SCIENCIA PRATICA

Um hospital para o povo alado

Ao ler esta epigraphe talvez que alguns leitores sorriam, vendo-a na secção da *Sciencia pratica*. Terám razão: mas nada mais real do que a existencia dum dispensario para passaros e aves domésticas de toda a especie, por certo unico no mundo; encontra-se em Narwood, perto de Londres. Embora o caso não seja de sciencia muito prática...para todos, um pequeno desvio não justificaria a troca dum titulo que tem bastantes meses.

Vamos ao assumpto. O director e ao mesmo tempo proprietario do estabelecimento, o snr. W. Wale, é conhecido naquelles sitios pelo nome de «doutor das gallinhas», posto que não sejam ellas as unicas aves a que elle prodigaliza os seus esclarecidos cuidados. Pavões, patos, pombos, quantas aves ha, sam outros tantos pensionarios que occupam habitualmente as numerosas gaiolas do dispensario.

A ideia de fundar um hospital para estes animaes subiu à cabeça do snr. Wale, em consequencia duma grave epidemia que gsassou na sua capoeira fazendo numerosas victimas. Foi immenso o desespêro do proprietario ao ver morrerem as suas infortunadas aves, e desde logo decidiu buscar um remedio para os seus soffrimentos. Conseguiu o que pretendia e salvou muitos dos seus pensionarios alados, sendo que ao cabo de pouco tempo os seus vizinhos, informados do caso, lhe trouxeram tambem os seus doentes.

O «doutor das gallinhas» não teve desde aquella epoca uma consulta continua, senão que se viu inundado de cartas que pediam os seus conselhos. Numa palavra o hospital (não vemos melhor palavra para lhe applicar) encheu-se, e as salas, divididas em pequenas gaiolas, construïdas segundo os ultimos principios da hygiene, ficaram invariavelmente povoadas.

Muitos animaes doentes ali chegam quasi mortos, enviando-os seus donos ao dispensario para se desembaraçarem delles, estipulando sòmente que desejariam conhecer a causa da sua morte. E, quando à fôrça de cuidados estes suppostos incuraveis se põem a pé—permitta-se-nos esta expressão—o seu heroico protector exulta de alegria e rise muito, sem nunca abandonar os convalescentes.

A fama do «bom doutor» cresce de dia para dia, e a sua correspondencia espantaria toda a gente tanto pelo volume como pela variedade. Da Africa do Sul, da Australia, do Canadá, de toda a parte emfim, se pedem os seus cuidados, ou antes os seus conselhos.

A guerra anglo-boer fez numerosas victimas entre os seus pacientes, demorando algumas vezes a chegada dos remedios. Estes consistem, em pilulas, que, fabricadas no dispensario, se vendem por pouco preço.

De manhã e de tarde os animaes doentes absorvem duas, o que aliás fazem com toda a facilidade. Naturalmente o conteúdo dellas continúa sendo segrêdo do bom «doutor das gallinhas.»

Aïnda mais: habil cirurgião, não menos que medico dedicado, consegue curar todas as feridas. Endireitar um pé ou curar uma asa sam para elle coisas vulgares, por onde bem merece o titulo de «amigos das aves» que lhe decretaram.

Todas as pessôas compassivas se regozijarám com elle e lhe guardarám reconhecimento.

«Falla o que e quando convem, e não ouvirás o que não convem».

S. Nilo.

Anecdotas historicas

LXVII

Os nomes dos meses. A questão não é nova: mas não será curioso ir buscar ao velho Plutarcho algumas indicações sobre este assumpto, que aïnda hoje não é bem conhecido de toda a gente?—Os Romanos, diz elle na vida de Numa, a principio não tiveram annos senão de dez meses, como prova o nome do último, *dezembro*. *Março* era o primeiro: consagrara-o Rómulo ao deus da guerra, e esta consagração estava em perfeita harmonia com o caracter bellicoso daquelle rei. Em seguida vinha *Abril*, assim chamado, segundo uns, de Aphrodite, nome grego de Venus, ou, segundo outros, de *aperire* (abrir), porque a primavera abre, dalgum modo, para uma vida nova os germes das plantas. *Maio*, consagrado a Mercurio, e *Junho* tiravam seu nome respectivamente ou de Maia, mãe de Mercurio, e de Juno, ou de *maiores* (os mais velhos) e *iuniores* (os môços), por allusão ás duas edades da vida, a velhice e a juventude. *Julho* foi assim chamado de Julio Cesar, vencedor de Pompeu, e *Agôsto* de Augusto. *Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro* tiram seu nome simplezmente do logar de ordem que tinham no anno romano. Domiciano fez chamar, durante algum tempo, *Germanico* a Setembro e *Domiciano* a Outubro: mas estas denominações não passaram alem do assassinato de imperador. Numa accrescentou ao primitivo calendario romano *Fevereiro*, que tira o nome das festas funerarias, *februa*, celebradas durante este mês, e *Janeiro*, assim chamado de Jano. Alem disso, este rei pacifico fez começar o anno pelo mês consagrado ao deus da paz, cujo templo, durante o seu reinado, esteve fechado quarenta e oito annos.

Assim falla Plutarcho.

«Quem é bom, de tudo e de todos julga o que sente de si.»

Fr. Luis de Sousa.

CURIOSIDADES

As surprêsas dos raios X.—Estes raios mysteriosos, tám pouco conhecidos até por aquelles que os manipúlam, aïnda reservam aos sabios numerosas surprêsas. Um physico distincto que se occupa exclusiva-

mente de radiographia, apresentou-se no hospital de S. Luís, no serviço do professor Gaucher. Este physico tem as mãos doentes. Numa dellas tem uma ulceração profundissima que attinge o indice: ambas as mãos estám cobertas, na face dorsal, de pequeninas papillas ou verrugas e de dilatações venosas; as unhas estám estriadas, meio atrophiadas. A pelle é lisa, vermelha, adelgaçada, as papillas em certos pontos desappareceram deixando pequenas escoriações. Eiz-aqui o que o proprio doente contou: No principio da sua molestia as suas mãos não tinham nenhum vestigio de lesão; elle porém experimentava uma exaggeração da sensibilidade tactil, uma sensibilidade deliciosa, refinada. Pouco e pouco foi observando uma mudança no estado da pelle das suas mãos. Esta tornou-se lisa, avermelhada, delgada. Para logo as unhas se modificaram; algumas caïram e depois tornaram a crescer ficando com uma fragilidade excessiva. As papillas fizeram erupção na face dorsal das mãos; estas papillas desappareceram na maior parte deixando umas escoriações. Não obstante todos os remedios empregados, as ulcerações não fizeram senão augmentar de extensão. Actualmente tem num dos dedos (no indice) da mão direita uma ulceração muito profunda de *natureza cancerosa*. E' o segundo caso semelhante que o dr. Gaucher observa no seu serviço desde o descobrimento dos raios X. A juïzo delle, além disso, estas lesões não provêm da acção directa dos raios X sobre os elementos da pelle, mas da acção destes raios sobre as terminações nervosas que existem na pelle; sendo attingidas estas terminações, a acção nociva propaga-se por via ascendente para a raïz do nervo principal. Assim este nervo soffre o que em medicina se chama uma *nervite* (inflammação do nervo) ascendente, e as lesões que acabámos de enumerar não sam mais que as consequencias dá inflammação do nervo medio (principal nervo do braço). Além disso o doente sente uma dor no trajecto deste nervo. E' curioso verificar que a face palmar da mão, que está em contacto directo com as ambulas electricas, não apresenta nenhuma lesão. Que novas surprêsas nos reservam os raios X?

Perola. — Pierpont Morgan, o millionario americano, o rei dos *trusts*, desejava vivamente uma perola fina que o ourivez cotava em 5:000 dollares ou sejam 25:000 francos. Elle porém julgava o preço levemente exaggerado. Mandou buscar a perola, tirou-a do seu escrinio e ahi a substituiu por um cheque de 5:000 dollares. Depois, entregando outro cheque de 4:000 dollares (20:000 francos) a um dos seus empregados, encarregou-o de ir ao joalheiro, tendo numa mão o cheque de 20:000 francos e na outra o escrinio fechado, e de lhe dizer: o snr. Morgan não quer pagar a perola senão por 4:000 dollares. Se V. não acceita o seu cheque, tenho ordem de lhe restituïr o escrinio. O joalheiro escolheu o cheque sem se lembrar de abrir o escrinio. E assim com este estratagema Morgan lucrou 5:000 francos.

A bocca fechada faz que tenha o coração paz».

Kempis.

EM GUIMARÃES

Summidades juridicas

Talvez que os leitores não saibam: ali na administração estám empoleirados uns *pintos* e umas *aguias* que sam summidades juridicas, maiores que toda a excepção. Se não, veja-se: estando um empregado a ler uma passagem do *Manual de Direito Parochial* do snr. Dr. Coelho da Silva, muito entonadamente qualificou de estupidez uma expressão que ali encontrou.

Coelho da Silva, um homem duma intelligencia robustissima e dum estudo incansavel, que tem sido louvado por lentes e bispos e que é conhecido como um distinctissimo jurisconsulto em legislação ecclesiastico-civil, qualificado de estupido por um empregado inferior da administração!!! Outro empregado, ouvindo ler uma consulta do snr. Dr. Manuel Diaz da Silva, lente na Universidade e abalisado legisperito, consulta que allegava uma lei de 1852, disse na sua infallivel sabedoria: «Isso é do tempo do arroz de quinze». Por certo que os nossos leitores não sabiam que em a nossa administração ha taes celebridades. Pois ha.

Pão de Santo Antonio

A commissão do Pão dos Pobres de Santo Antonio, distribue na proxima terça-feira, em S. Francisco, 150 boróas de pão a outros tantos pobres, com o producto das esmolas encontradas na respectiva caixa.

Bem hajam os que assim se lembram dos desprotegidos da fortuna.

Subsidios da Bulla

Pela Junta Geral da Bulla da Santa Cruzada foram concedidos os seguintes subsidios a igrejas deste arciprestado:

Santo Estêvão de Briteiros, uma pedra de ara; Salvador de Briteiros, uma casula vermelha; S. João das Caldas de Vizella, 50$000 reis para ajuda das obras da nova igreja; S. Claudio do Barco, um pluvial preto; Sant'Iago de Ronfe, 30$000 reis para obras da igreja parochial.

Estradas municipaes

A Camara Municipal deliberou sollicitar do governo que fosse incluïda na rede das estradas municipaes de terceira classe deste concelho a que parte da rua de Santo Antonio e vai entroncar na estrada districtal n.º 17, passando pelo Cruzeiro de Azurei; e bem assim outra que da ponte de Serves vai terminar na freguesia de Leitões, na projectada estrada districtal n.º 19.

Noticias várias

—Na cadeia desta comarca existiam no dia 31 de dezembro passado 26 homens e 1 mulher.

—Durante o prazo de 30 dias, que principiaram a contar-se no dia 2 do corrente, podem os contribuïntes prestar as suas declarações, acerca das alterações por que tenham passado os seus predios no último anno. Assim o fez constar o snr. presidente da junta de matrizes.

—Na igreja parochial de S. Romão de Mesão Frio celebrou-se na passada sexta-feira a costumada solemnidade em honra do Menino Deus.

—Abertas ha dias as caixas onde se recolhem as esmolas de S. Torquato, encontrou-se nellas a quantia de 1:148$650 reis, não contando o agio de 41 libras.

—Ante-hontem houve em Urgezes um incendio que devorou inteiramente dois barracões, onde estava um engenho de moer linho e outro de moer pão, pertencentes ao snr. Alvaro Berrance, desta cidade.

«Desconfiai tanto mais de vós, quanto maior é a confiança que em vós põem os outros».

P. Pesch.

LITTERATURA

Pachorra e paciencia

Um patusco perfeito, por passatempo, pôs em papel público, para pasmo das pessôas pouco peritas na prodigiosa prática dos PP, esta pequena prova do portentoso poder da pachorra e paciencia.

E nós, para provarmos que, pondo de parte pensamentos pesados, e sem procurarmos parvoïces ou picuïnhas proprias do povo pedante, pomos peito em proporcionar ao público prazeres, posto que passageiros, polidos porém, passamos para esta página o pyramidal producto de penosa persistencia.

Pertence a parte a um pobre pintor.

«Passageiro petulante, passando-me pela porta, parou pasmado para perguntar-me por que pús na parede uma placa plena de PP.

«Por que pús?—Primeiramente porque possuo particular predilecção pelos PP. Pois é porventura prohibido ao popular pintor preferir os pacificos PP para os pôr patentes na parede do seu predio?

«Parece-me porém que pelo meu procedimento ou paixão pugnam poderosas provas. Por P principiam as principaes palavras portuguesas: Pae, Patria, Prudencia, Probidade, Pureza, Perdão, Piedade. Póde um patriota postergar a preferencia prestada pelos seus passados aos privilegiados PP?

«Por que ponho PP?—Para provocar propositadamente perguntas picantes de passageiros pascasios, e poder pôr pública a perfeita pericia do pintor, prendendo pela propriedade persuasiva dos PP as pessôas perdidas por portentos de pintura.

«Por que ponho PP?—Porque, preocupando-me pelo porvir, posso passar da popularidade à posteridade pela penetrante, persistente e pertinaz propaganda dos preciosos PP.

«Percebe o passageiro, picado pela prestante preferencia dos PP?

«Porém, se lhe parece perigosa a propensão pelos PP, passe prompto pela porta do placido pintor. E, se, por pretexto de pouca prova, pretender pôr pecha na pequena pluralidade dos PP, paciencia!

«Preciso de pôr ponto, para poupar palavras: podia porém proseguir, patenteando perfeitamente o prodigioso proveito dos PP.

Peço pois perdão.

Patiens.

"Exultate, Iusti, in Domino..."

(*Ps.* XXXII)

Em vós se accenda
Um novo ardor:
Cantai, ó justos,
Vosso Senhor.
A voz do justo
Só doce sôa,
Só grata entôa
Tanto louvor.

Suave salterio
Ide buscar,
Sonora cithara
Presto afinar:
Resôa em tôrno
Não visto canto;
Seu nome santo
Atrôe o ar.

De Deus as vozes
Singelas sam;
As suas obras
Firmes serám:
Justo elle espalha
Alma clemencia
De preferencia,
Com larga mão.

Por toda a terra,
Em toda a edade
Doce piedade
Elle ostentou:
Sua palavra
Os ceus formou,
E o seu espirito
Os vigorou.

Como em um vaso,
Recolhe o mar;
Té nos abysmos
Vai dominar:
Tremei, ó terra,
Treme, ó humano;
Teu Soberano
Vem adorar.

Disse, e do nada
Tudo surgiu;
Mandou, e logo
Tudo existiu.
Nescios projectos
Das várias gentes,
Dos reis potentes,
Forte estruïu.

Só permanecem
Seus pensamentos;
Os seus intentos
Eternos sam:
Afortunada
E' a nação,
Que a Deus só chama
Do coração.

Feliz mil vezes
O povo meu,
Que por seu povo
Elle escolheu:
Lá, desde os ceus,
Na larga terra
Os olhos Deus
Terno estendeu.

Viu, conheceu
O mais escuro
Refôlho impuro
Do vão mortal:
Pois o Senhor,
Que fez o homem,
Sabe o valor
Duma obra tal.

Da paz e guerra
O sceptro tem,
E em vão nas fôrças
Confia alguem:
O rei valente,
Gigante esquivo,
Debalde altivo,
Ao campo vem.

Não o sustem
Ginete audaz,
Se fugitivo
O medo o faz:
Debalde foge,
Debalde espera;
Só Deus impera
A guerra e a paz.

A segurança
Só acha aquelle
Que o teme e nelle.
Põi sua fé:
Com o braço forte
Á fome irada
O rouba e á morte,
Pois sempre o vê.

Só nelle espera,
Coração meu,
Que é tua ajuda,
Protector teu:
Só nelle exulta
Firme e sem medo;
Confia ledo
No nome seu.

O' Deus benino,
Senhor potente,
Olha clemente
A minha fé:
Responde á nossa
Terna esperança;
Co'a gente vossa
Piedoso sê.

P. A. P. Sousa Caldas.

«Perturbam aos homens, não as coisas, senão a opinião que dellas têm».

Epictéto.

ANNUNCIOS

Quem perdeu?

Num dia do mês de junho do anno findo, achou-se um veu de senhora, na estrada da freguesia de Brito. Entrega-se a quem provar que lhe pertence.

Fallar nesta redacção.

J. Cunha Machado

Medico-cirurgião

Consultas diarias das 9 ás 11 horas da manhã e das 12 á 1 da tarde.

Rua de Payo Galvão

(Antiga Pharmacia Mourão)

Manteiga garantida

Fabricada na quinta de Carreiro — Infantas — pelos processos mais modernos adoptados na Escola Agricola de Santarem, de que o distincto agronomo o Ex.mo Snr. João Motta Prego é mui digno Director.

Dum palladar agradavel e de uma puresa incontestavel desde já se encontra á venda em casa do Snr. Bernardino Jordão á Praça de D. Affonso Henriques, em casa do Snr. Oliveira & Silva ao Toural e em casa do Snr. Antonio d'Araujo Salgado no Toural.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, *S. J.*

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificie e redactor da "Revista Catholica„

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fôsse tratada scientifica e magistralmente, em toda a sua profundeza e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umas eram nimiamente resumidas, e isto o maximo número, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessôas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzí-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sòmente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessôas illustradas, seja qual fôr a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrinto de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circunstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis,** pagos no acto da entrega.

Todas as pessôas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Emprêsa da *Revista Catholica* — Vizeu.

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR **José Candido Gomes**

ESTA interessante publicação que está sahindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma emprêsa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluida em fins do corrente anno de 1904.

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

Pedro Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2$000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encommendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PRECOS CONVIDATIVOS.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional„

Com auctorização do Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar —Porto.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguêsas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da edade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.